

## A ARTE DESENVOLVENDO POTENCIALIDADES

Felipe Campo Dall'Orto<sup>1</sup>

### RESUMO

Esse artigo fala da importância de trabalhar o desenvolvimento infantil a partir da arte, focando no desenvolvimento de competências pessoais, relacionais, cognitivas e produtivas através de oportunidades educativas. O objetivo é extrapolar o campo da educação e levá-las a conquistas para a construção de projetos de vida, mostrando que eles podem e devem ser incluídas como agentes ativos do processo. É importante nesse processo, oferecer às crianças instrumentos básicos para o desenvolvimento da cidadania e para a conscientização acerca do valor do patrimônio cultural herdado e por cuja contínua revitalização são legítimos responsáveis. Com o objetivo de desenvolver competências, é fundamental oferecer oportunidades educativas em arte que auxiliam no processo de atendimento psicopedagógico das crianças. Para tanto é preciso estimular e proporcionar às crianças atividades de pesquisa, de produção e fruição, pois esses momentos servem para enriquecer e fortalecer o processo de aprendizagem, assim como, as práticas vivenciais sobre questões fundamentais da vida cotidiana. Ao ter o contato com o processo artístico a criança passa também a ampliar esse conhecimento para outras áreas, auxiliando, contribuindo com a permanência e o sucesso escolar, valorizando a autoestima, a construção de capacidades e o desenvolvimento de potencialidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte. Oportunidade educativa. Competências. Educação. Criança.

---

<sup>1</sup> Professor de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade Estácio de Sá, Vitória. Bacharel em Comunicação Social pela Faesa, Pós-graduado em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC-Minas e Mestre em Artes Cênicas pela UNIRIO.

## INTRODUÇÃO

Todo indivíduo é dotado de potenciais que precisam ser trabalhados e estimulados para que possa desenvolvê-los, facilitando, assim, as suas escolhas. A arte pode contribuir efetivamente para o desenvolvimento dos potenciais de crianças, permitindo-lhes o exercício do ser, do conviver, do fazer e do conhecer, para que assim possam desenvolver competências pessoais, sociais, cognitivas e produtivas.

Através de oportunidades educativas focadas em linguagens artísticas é possível desenvolver competências pessoais, relacionais, cognitivas e produtivas, trabalhando questões ligadas ao desenvolvimento humano e social, oferecendo às crianças instrumentos básicos para o desenvolvimento da cidadania e para a conscientização acerca do valor do patrimônio cultural herdado e por cuja contínua revitalização são legítimos responsáveis.

As oportunidades educativas são um conjunto de acontecimentos criados entre educador e educando visando desenvolver seus potenciais e prepará-los para fazer escolhas. Isso inclui oficinas, aulas, atividades, passeios, exposições, eventos, relacionamento cotidiano com as crianças, desde que intencionalmente criados para desenvolver potenciais.

Com o objetivo de desenvolver essas competências, é fundamental oferecer um itinerário em arte que auxilie no processo de atendimento psicopedagógico das crianças. As oportunidades educativas devem ser intencionais, sequenciais e envolverem as dimensões da proposta triangular de Ana Mae Barbosa<sup>2</sup>: o fazer, que implica a apropriação da própria linguagem artística, requerendo a experimentação com materiais e a vivência de expressão a partir de procedimentos artísticos; o conhecer, que requer uma reflexão, contextualização, relacionamento de informações e leitura significativa do objeto artístico; e o apreciar que envolve a recepção e a fruição, que articula os conhecimentos de estética e crítica.

---

<sup>2</sup> BARBOSA, Ana Mae. (org) Arte-educação: leitura no subsolo. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

a tanto é preciso estimular e proporcionar às crianças atividades de pesquisa, visitas a espaços culturais e bibliotecas da cidade, encontros com artistas, entrevistas, pesquisa de campo, pois esses momentos servem para enriquecer e fortalecer esse processo de aprendizagem, assim como, as práticas vivenciais, sobre questões fundamentais da vida cotidiana e da existência humana em sentido amplo. O intercruzamento de padrões estéticos e o discernimento de valores são fundamentais para que a criança debata ideias sobre o fazer artístico e descubra que todos têm potencial para se tornar artista, só é preciso descobrir qual sua afinidade e área que lhe desperta maior interesse.

A criança deve aprender a ver o mundo com um olhar sensível e atento às razões humanas, ambientais, econômicas e sociais. A partir da observação dos elementos culturais, trabalhar a noção do humano, multiculturalismo, preconceito ideológico, apreciação de obras de arte e o fazer artístico no ensino da arte.

A arte é uma experiência humana de comunicação. Criar e realizar uma obra de arte é uma experiência de maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, esforçar-se alegremente, alegrar-se com as descobertas... O trabalho com artes possibilita o desenvolvimento das potencialidades individuais e do senso estético... Brincar com a realidade por meio do imaginário – o que acontece ao criar uma obra de arte – equipa o indivíduo com uma flexibilidade que lhe permite explorar e experimentar papéis, situações, possibilidades novas e até então desconhecidas. Essa é uma maneira de se distanciar, colocar-se no lugar do outro e olhar um objeto de outro ângulo, requisito fundamental para a formação do senso ético e moral. (MARQUES, 2002, p.28)

O aprendizado de novos conceitos e valores se dá de maneira mais efetiva quando há envolvimento emocional e a arte proporciona esta emoção. Ao ter o contato com o processo artístico a criança passa também a ampliar esse conhecimento para outras áreas, auxiliando assim na construção de um projeto de vida, contribuindo com a permanência e o sucesso escolar, valorizando a autoestima, a construção de capacidades e o desenvolvimento de potencialidades.

É fundamental aceitar e entender que a criança é sujeito ativo desse processo e que os arte-educadores devem enxergá-los, mais do que nunca, como um ser total, completo, que precisa ser ouvido e estimulado em suas potencialidades. A participação das crianças deve ser fortalecida, pois elas são capazes de elaborar e

ocar em ação suas ideias, para tanto precisam ser estimuladas a fazer parte do processo e acreditar que são capazes.

Os relatórios da UNICEF mostram que os direitos da criança e do adolescente e a causa do desenvolvimento humano são razões incontestáveis para justificar o investimento social nesses seres... Muitas vezes o potencial das crianças não se transforma em competência por falta de oportunidades educativas. (NUNES, 2012, p. 52).

Ao investir nas crianças, estamos investindo no desenvolvimento sustentável. Pensar nos anos iniciais da vida de seres em formação é uma decisão importante para a construção de pessoas éticas, criativas, autônomas, empreendedoras, participativas, transformadoras, abertas ao diálogo e às mudanças.

O educar pela via da arte deve ser um processo contínuo e articulado entre o educador e o educando, onde consigam trabalhar integrados, sendo responsáveis por todo processo educativo, envolvendo o planejamento, a execução, a produção e a apreciação. Colocar a criança no papel decisório facilita qualquer aprendizado, fazendo com que ela se manifeste principalmente no mundo da arte.

A arte agrega pessoas, aproxima desconhecidos e promove valores humanos. As atividades narrativas, com letras de música, histórias orais ou imagens ajudam a resgatar a identidade de uma população. A pintura, a poesia e as demais artes autoexpressivas possuem relevante caráter terapêutico e podem ajudar a superar traumas. A contação de história, brincadeiras, jogos dramáticos estimulam crianças a verbalizarem os sentimentos. Através do fazer artístico ou da fruição estética promovida pelas artes, a criança é estimulada a ter noções como ordenamento, superação, beleza e sentido para a vida.

Através do aprendizado da arte a criança parte de algumas situações do seu cotidiano para gerar sua própria arte. Antes, porém, com o auxílio do arte-educador, toma consciência do poder criador e transformador da representação artística, pois é ela que passa a representar o seu mundo, são significações que se constituem no seu comportamento. Ao colocar-se em ação, reconstruindo criticamente o seu

ndo, estabelece um diálogo, num jogo que busca abrir novos caminhos, na coragem de dizer o que pensa.

### **O papel do arte-educador no jogo artístico**

O diálogo entre a criança e o arte-educador e o compromisso de colaborar na construção de um mundo em comum fortalece uma relação entre a criança e o artista docente, onde compartilham experiências e vivências.

O artista docente é aquele que, não abandonando suas possibilidades de criar, interpretar, dirigir, tem também como função e busca explícita a educação em seu sentido mais amplo. Ou seja, abre-se a possibilidade de que processos de criação artística possam ser revistos e repensados como processos também explicitamente educacionais. (MARQUES, 2001, p. 112)

O trabalho desenvolvido pelo arte-educador deve ser voltado para dar um significado a tudo que é sentido e vivido pelas crianças, na tentativa de exteriorizar suas expectativas e necessidades através de palavras, sons e imagens. Para isso é importante que a criança tenha contato com diferentes linguagens artísticas como o teatro, a dança, o audiovisual, a música e as artes visuais e suas diversas variações como jogos, brincadeiras, contação de história, expressão e consciência corporal, para que assim aprenda a fazer a sua leitura e interpretação do mundo.

O aprendizado das técnicas ajuda a desenvolver as potencialidades artísticas de cada um, estimulando o interesse pela cultura como forma de ampliar as perspectivas sociais e, quem sabe, profissionais, transformando o potencial para ser em competências pessoais de autoconfiança e autoestima, contribuindo para a construção de competências relacionais de respeito aos direitos e deveres coletivos, valores éticos e estéticos, desenvolvendo competências cognitivas, com o propósito de propiciar a manifestação da imaginação e da criatividade, refletindo assim, a um impacto positivo na vida escolar, além de desenvolver competências produtivas que assegurem à criança, autonomia, prazer e capacidade de gerar resultados.

A inserção de técnicas artísticas no convívio e na construção de um grupo sempre é válida e surpreendente, a relação entre as crianças se desenvolve de uma maneira natural e saudável. Uma forma interessante de trabalhar com grupos de crianças é

ilegiar o jogo e a experimentação, estimulando a capacidade criativa, provocando a partir do fazer artístico a renovação de ideias, transformando assim a criança num ser ativo e participante do processo e não de um mero espectador.

O desenvolvimento e o aprimoramento das técnicas, utilizando o corpo e a voz, são estímulos para a criatividade da criança, independente da idade que tenha. A cada nova descoberta um prazer é renovado. Uma vez que o aprendizado envolve um grupo, geralmente surgem problemas de relacionamento, de individualismo, liderança excessiva e carência afetiva. Essas “situações problema” devem ser trabalhadas para se tornar oportunidades educativas, partindo de demandas apresentadas pelas crianças, para discutir sobre questões relacionadas ao seu dia a dia, ultrapassando o ensino da arte em si, mas utilizando-a como meio.

Cabe ao arte-educador ser ao mesmo tempo interlocutor e provocador desse processo, pois a transformação acontece a partir do momento que a criança toma consciência do seu papel dentro da sociedade, desenvolvendo sua percepção como ser social. Essa troca de conhecimento e experiência se torna fundamental para o trabalho com arte, envolvendo criação e ressaltando o clima de liberdade, necessário para o desenvolvimento infantil.

Esse artista docente deve ter como diferencial o foco na criança, partindo do que ela tem a oferecer e o que ela quer dizer. O trabalho fica voltado para dar voz à criança, fugindo daquele esquema educacional onde o processo de criação fica pautado pelo poder autoritário do professor que domina a construção do conhecimento.

É tarefa do professor conectar a linguagem ao sentimento, entender como as crianças pensam, como relacionam a vida delas à aula, como se comportam com um imprevisto – muito se conhece de uma pessoa através da maneira como ela se comporta em uma situação não planejada. Acontece que, ao se explorarem somente a palavra e a conduta, a criança cria artifícios para se adaptar àquilo, criando uma rede de mentiras, que, hoje, é o caminho para ser adulto em nossa sociedade.<sup>3</sup>

O arte-educador precisa pensar em estratégias diferenciadas para que a criança sinta o desejo e a liberdade em se expressar, e assim, consiga decodificar sua realidade, analisando-a para melhor refleti-la. Essa decodificação feita num grupo os

---

<sup>3</sup> Entrevista de César Muñoz à Carta Capital, em 10 de maio de 2011.

a a se identificarem, e essa coincidência de intenções os fortalece, estabelecendo um diálogo crítico que promove a interação dos participantes, levando-os a construir uma linguagem própria e objetiva.

Assim, juntos, recriam seu mundo, enxergando suas opressões e enfrentando-as. Dessa forma não há espaço para um professor, e sim um facilitador que tem por função dar as informações e instruções solicitadas pelos integrantes do grupo, intensificando a descoberta. Essa descoberta se dá através da palavra, do gesto, da intervenção, da intenção e da conscientização, ou seja, através do ensino da arte.

Para o arte-educador fica o desafio de desenvolver um ambiente onde as crianças sintam liberdade para experimentar, onde as comunicações sejam espontâneas e facilitadas, oferecendo segurança aos participantes, possibilitando o diálogo e firmando uma “regra”, a de que o processo de criação deve ser coletivo e voluntário. Entre tantas descobertas particulares, as linguagens artísticas auxiliam na possibilidade das crianças se verem em ação, participando ativamente do processo, interagindo com o imaginário e descobrindo que na arte tudo pode e deve ser testado, descobrindo assim novas possibilidades.

A arte permite que todos vivenciem novas experiências, procurando formas para utilizar durante o processo dentro de seus propósitos e se propõe ser diferente da realidade básica, do real concreto, pois enquanto se está inserido no processo de produção, as regras do cotidiano se fazem suspensas temporariamente.

Esse momento de criação, de vivência, do jogo, acontece sempre no presente. Enquanto está sendo trabalhado é que acontece a apropriação da fantasia para o real e vice-versa. Todo jogo significa alguma coisa e a idéia de jogo é central para a civilização. Johan Huizinga (1996) afirma que todas as atividades humanas, incluindo filosofia, guerra, arte, leis e linguagem, podem ser vistas como o resultado de um jogo, e para nós é importante lembrar que dentro do jogo artístico vale priorizar a liberdade, ou a busca por ela.

É importante ver no jogo os seus aspectos criadores, onde é permitida a criança se libertar, ousar, e para tanto é preciso criar desafios, obstáculos que exigem à vontade de superá-los, a necessidade de ultrapassá-los, estimulando assim a criatividade, já que a mesma surge também na resolução dos problemas.

É interessante ver a importância do jogo dentro da arte, pois ele ajuda e possibilita que a criança consiga transformar o invisível no visível, estimulando-a a pensar na arte como expressão individual, mas também como resultado de um trabalho coletivo. Através dos jogos e das técnicas artísticas, os arte educadores trabalham o fortalecimento e o aumento da autoestima da criança, estabelecendo o respeito como base para esse diálogo que está sendo preparado.

A função da arte, nesse caso, é criar consciência, uma consciência da verdade, uma consciência do mundo, para tanto utiliza não somente a palavra, mas também o silêncio, as cores, os sons, as ações humanas, no tempo e no espaço, através das diversas linguagens e possibilidades artísticas.

Ao explorar as diversas possibilidades de expressões através da arte, as crianças passam a compreender e assimilar situações do seu cotidiano, adquirindo conhecimento de sua própria prática, e assim, aprendem a construir e reconstruir sua concepção de mundo.

Através dessa expressão pessoal, do compartilhar as experiências é que as crianças tentam aprender qualquer tipo de conhecimento construído por outros.

Ao se tornar consciente de sua existência individual, o homem não deixa de conscientizar-se também de sua existência social, ainda que esse processo não seja vivido de forma intelectual. O modo de sentir e de pensar os fenômenos, o próprio modo de sentir-se e pensar-se, de vivenciar as aspirações, os possíveis êxitos e eventuais insucessos, tudo se molda segundo ideias e hábitos particulares ao contexto social em que se desenvolve o indivíduo. (OSTROWER, 1977, p. 16-17).

É importante que a criança compreenda que esse deve ser um momento de experimentação e perceba, dentro do processo, quais são os propósitos da arte para que possa escolher qual linguagem mais se identifica e como utilizá-la de acordo com sua própria necessidade ou intenção. As intenções se estruturam junto com a

memória, são importantes para criar. Fazem-se conhecer, no curso das ações, como uma espécie de guia aceitando ou rejeitando certas escolhas e sugestões contidas no ambiente. Às vezes, descobrimos as nossas intenções só depois de realizar a ação.

É interessante nesse contexto de aprendizagem observar a memória não somente como um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, mas como um fenômeno coletivo e social, que serve como um registro a partir da história oral, na qual possa relatar acontecimentos vividos pessoalmente ou como classifica Michael Pollak (1992), acontecimentos “vividos por tabela”. Essa memória individual, passível de mudanças, é na verdade um elemento para a construção da identidade social das crianças, que buscam através da representação da ação transformar a ação real, reconhecendo e respeitando as diferenças no plano individual, e combatendo as diferenças e preconceitos no plano social.

Assim, a noção contemporânea de cidadania deve, hoje, incorporar as dimensões da subjetividade, do desejo, em suma, dos interesses, levando em conta, evidentemente, as questões de ética. (...) Tendo como objetivo formar cidadãos conscientes de si, do outro, da realidade que os cerca e da sua capacidade de transformação. (FARIAS, 2001. P. 12-15)

No momento em que a criança se lança na ação é que ela se disponibiliza para vivenciá-la também na vida real, transferindo as descobertas encontradas na arte para seu dia a dia. A partir do contato com as técnicas, a criança passa por um processo de movimento interno que unifica os elementos e jogos com suas sensações e conflitos. Esse movimento a leva a reproduzir (ver-se em ação) e manifestar suas necessidades, levando-a a se reconhecer como ser humano. Mostrando novas possibilidades, ou pelo menos, questões que a levem a tomar consciência do conhecimento ou reconhecimento do seu lugar na sociedade.

O diálogo entre a criança e o arte-educador é fundamental para que se estabeleça um compromisso de colaborar na construção de um mundo em comum, onde possam compartilhar experiências e vivências. O trabalho desenvolvido deve ser voltado para dar significado a tudo que é sentido e vivido pelas crianças, na tentativa de exteriorizar suas expectativas e necessidades através de palavras, sons e imagens.

O aprendizado da palavra possibilita que a criança tenha o domínio sobre a linguagem simbólica. A palavra é uma coisa e o sentido que lhe damos é outra, nem sempre coincidentes. Ao ter o domínio desses símbolos ela passa a interpretar e descobrir uma maneira de dominar a palavra, ao invés de ser por ela dominada.

O som e a musicalidade são formas pelas quais o ser humano se relaciona com o mundo, seus ritmos e sons aleatórios. Com a apropriação dessa sonoridade o educando aprende a ser, na medida em que a música exerce sobre ele o poder de influenciar seus próprios sentimentos e desenvolver sua sensibilidade.

Já a criação de imagens produzidas pela criança e não apenas pela natureza nem pelas máquinas, serve para mostrar que o mundo pode ser recriado. O educando intervém para mudar a realidade, dessa forma encontra um meio de se expressar e reestruturar o mundo, reinventando-o.

Esse conhecimento possibilita a criança o poder de criar, de se expressar e fazer escolhas, assumindo um papel protagonista, transferindo o que aprendeu da representação artística para expressar o que vivencia em sua realidade.

Acontece com frequência vermos e sentirmos certas qualidades numa obra de arte sem poder expressá-las com palavras. A razão de nosso fracasso não está no fato de usar uma linguagem, mas sim porque não se conseguiu ainda fundir essas qualidades percebidas em categorias adequadas. A linguagem não pode executar a tarefa diretamente porque não é via direta para o contato sensorial com a realidade; serve apenas para nomear o que vemos, ouvimos e pensamos. (ARNHEIM, 2005, p. 10)

A criança deve ser estimulada para se permitir sentir e expressar esses sentimentos que são descobertos a partir do contato com a arte. Ao observar o mundo de forma crítica, passam a ter sua própria interpretação da realidade, trabalhando com significados que lhes são mais confortáveis, conseguindo interagir e construir um conhecimento sensível ao ser humano.

Quando se descobrem atores desse processo, descobrem os caminhos e as ferramentas possíveis para se expressar e aprender a fazer escolhas, tornando-se assim sujeitos críticos, reflexivos, capazes de atuar de forma ativa na sociedade,

iliando o educador na construção de um espaço dinâmico e colaborativo, enriquecendo o processo de ensino aprendizagem do sujeito.

### **O processo de ensino aprendizagem**

A Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente estabelecem que o atendimento com absoluta prioridade aos direitos da criança e do adolescente constitui-se em um dever da família, da sociedade e do Estado.

O Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente acata o que preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (2002) entendendo-o como “uma legislação que aponta para uma nova forma de gestão pública nas ações que busquem atender a crianças e adolescentes. Uma legislação que aponta para um novo modelo de Estado em todas as suas instâncias e poderes”.

Os relatórios do UNICEF mostram que os direitos da criança e do adolescente, e a causa do desenvolvimento humano são razões incontestáveis para justificar o investimento social nesses seres. Chegamos ao século XXI com o compromisso de avançar nos campos do desenvolvimento econômico, social e político. Várias são as ações possíveis e necessárias, algumas consensuais, como garantir a todas as crianças e adolescentes as aprendizagens fundamentais, apontadas pela UNESCO como parâmetro da educação do século XXI, aprender a ser, a conviver, a conhecer e a fazer.

Segundo Jacques Delors (1996), a prática pedagógica deve preocupar-se em desenvolver quatro aprendizagens fundamentais, que serão para cada indivíduo os pilares do conhecimento: aprender a conhecer indica o interesse, a abertura para o conhecimento, que verdadeiramente liberta da ignorância; aprender a fazer mostra a coragem de executar, de correr riscos, de errar mesmo na busca de acertar; aprender a conviver traz o desafio da convivência que apresenta o respeito a todos e o exercício de fraternidade como caminho do entendimento; já o aprender a ser, explicita o papel do cidadão e o objetivo de viver.

Os pilares são quatro, mas os saberes e as competências são diversas. Esse conhecimento está imbricado, constituindo interação com o fim único de uma formação holística do indivíduo. Delors (1996) aponta como principal consequência da sociedade do conhecimento a necessidade de uma aprendizagem ao longo de toda vida, fundamentada nos quatro pilares, que são, concomitantemente, do conhecimento e da formação continuada.

A formação continuada é a base para que as oportunidades educativas sejam trabalhadas com as crianças proporcionando o desenvolvimento humano. Através do planejamento de componentes formativos, as crianças têm contato com as atividades artísticas como o teatro, a dança, a música e as artes visuais, fundamentadas no diálogo e na construção coletiva de conhecimentos que transbordam para a ação concreta relacionando-se assim com a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire.

Apesar de apresentar linguagens diferentes, a educação para o desenvolvimento de potencialidades e a Pedagogia do Oprimido articulam suas atividades à luta dos oprimidos, levando-os à reflexão e à ação consciente para transformação de sua realidade e sua libertação através do diálogo e nesse caso, da criação artística.

O diálogo quando estabelecido como prática promove a transformação das relações de poder no ambiente escolar e social. Assim o que se pretende discutir com esse artigo é que o ensino da arte, por meio do diálogo, promova a transformação das relações de poder educador-educando, rompendo a divisão entre quem sabe e quem recebe o conhecimento.

A proposta é que os educandos se tornem seres ativos e possam sugerir intervenções sociais por meio de estudos, pesquisas e experimentações, preocupando-se em revelar caminhos até então desconhecidos para realizar desejos, além de se preocupar com o outro através do fazer artístico, recriando seu cotidiano, expondo os problemas e abrindo para o diálogo, onde podem encontrar diversas maneiras de resolver o problema apresentado, ou seja, estimular o ser

mano, dando a ele possibilidades de descoberta de que é criador, artista e transformador de suas próprias ações.

O desenvolvimento científico e tecnológico, as dificuldades e os benefícios que surgiram a partir da globalização, à competitividade e as constantes transformações nas relações pessoais e interpessoais exigem seres éticos, criativos, autônomos, empreendedores, participativos, transformadores, abertos ao diálogo e às mudanças.

Para tanto, a arte se apresenta como ferramenta fundamental nesse processo contínuo de construção de identidades. Esse artigo objetiva debater a potencialização das competências artísticas do ser humano, desmecanizando-o de forma física e intelectual. Oportunizando espaços de intervenção prática, levando o educando a se apropriar dos meios de produção cultural, ampliando suas possibilidades de expressões artísticas e sociais, constituindo um diálogo ativo e direto na construção de uma educação participativa e criativa.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que uma pessoa se torna ao longo da vida depende de duas coisas: das oportunidades que teve e das escolhas que fez. Além do acesso às oportunidades, as pessoas precisam ser preparadas para fazer escolhas.

O ensino da arte prepara as crianças para que saibam escolher o caminho que desejam seguir, pois as oportunidades educativas as incentivam a optar por qual linguagem artística mais se identificam, abrindo assim um leque de possibilidades. Dessa forma eles poderão realmente fazer escolhas.

Ao colocar a criança para escolher que arte gostaria de desenvolver estamos ajudando-a a se colocar diante às questões do mundo tornando-se protagonista da sua vida. Desenvolvendo ações em arte as crianças vão se identificando em alguma parte do processo, descobrindo quais são suas potencialidades. Pessoas com competências pessoais, sociais, cognitivas e produtivas são capazes de construir para si projetos de vida. São capazes de conviver solidariamente respeitando as

renças e, assim, estão preparadas para fazer parte da sociedade de forma sensível e crítica.

O ato da criação é muito mais produto de sentimentos, de intuições, do que de operações puramente lógicas. E as artes se completam para facilitar essa possibilidade de descoberta, sempre na procura por uma forma, que pode ser fluida e transformada de acordo com a necessidade do praticante. Ao se permitir fazer arte, a criança se descobre e passa a contar a própria história, tornando-se autor e ator dessa experiência.

O fazer artístico é uma maneira de despertar o indivíduo para que este dê maior atenção ao seu próprio processo de sentido. Para que a criança descubra quais são seus problemas e quais os caminhos possíveis para enfrentá-los, ela precisa se conhecer como pessoa, e a partir desse reconhecimento descobrir que o teatro, a dança, o audiovisual, a música e as artes visuais, nada mais são do que um estímulo para que cada um manifeste aquilo que sente e percebe do mundo a sua volta. Até porque a arte não deve representar fatos desconhecidos, mas partir de suas próprias experiências, partindo da vida de quem relata sua história e acaba representando a sua realidade.

Quando a criança assume o seu papel de criador e realiza a ação que imagina, ela o fará de uma maneira pessoal, única e intransferível. E é nesse momento que ela se descobre enquanto artista, praticando a ação.

Ao ver-se, percebe o que é, descobre o que não é, e imagina o que pode vir a ser. Percebe onde está, descobre onde não está e imagina onde pode ir. Cria-se uma tríade: EU observador, EU em situação, e o Não-EU, isto é o OUTRO. (BOAL, 2002, p. 27)

Dessa forma ela se reconhece, descobrindo seus afetos, emoções, habilidades, limitações, construindo sua identidade. Através do autoconhecimento passa a se relacionar com o outro, a conviver com as diferenças, sabendo respeitar o outro, seus valores, crenças, pontos de vista e gosto pessoal. É a construção da identidade pessoal e coletiva.

identidade é o conjunto de características próprias e exclusivas com os quais se podem identificar um indivíduo e diferenciar pessoas umas das outras. A identidade é definida por Antônio da Costa Ciampa (2001) como o conjunto das características próprias e exclusivas de um indivíduo. E é importante percebermos que a identidade é determinada ao mesmo tempo pelas igualdades e diferenças.

Já Stuart Hall (1999) mostra que o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas.

E é nessa construção de uma identidade, nessa busca por uma identificação que a arte auxilia a criança a se descobrir e identificar seus referenciais, é um período de descobertas que está se construindo, onde ela possa conhecer a si mesma e as suas raízes.

Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhamento das relações sociais. Uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia. No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela. A questão da identidade, assim, deve ser vista não como questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é, sobretudo uma questão social, uma questão política. (CIAMPA, 2001, p. 127)

Precisamos ver a criança não mais como um sujeito isolado, pois ela faz parte de uma sociedade, de relações. A construção da identidade é um fenômeno que se produz nas relações com os outros, através da aceitação, reconhecimento, credibilidade e também negação, diferença e conflito.

Com a construção de um espaço democrático de diálogo, onde todas usufruam das mesmas condições de expressão, buscando alternativas para as possibilidades levantadas, a criança passa a interagir, reconhecendo que o outro é importante para o seu crescimento pessoal. Percebe o outro como ele é e se disponibiliza ao seu universo de riquezas, unindo intenções e concretizando-as em ações comuns. Para esse diálogo é estimulado que no lugar do falar, a criança aja, faça, vivencie. Transformando-se no artista que pode ser para discutir uma nova proposta de expressão.

Como é mais difícil o ser humano se conscientizar separadamente dos demais, a consciência se constitui como consciência do grupo. Cada um terá seu próprio caminho de enfrentamento, mas a convergência de intenções fortalece a comunicação e a descoberta de novas possibilidades. Ao fazer parte de um grupo torna-se mais fácil levantar questionamentos e enfrentar situações que até então eram consideradas extremamente difíceis. As crianças se humanizam na medida em que trabalham juntas para construir consciências que coexistam em liberdade.

Na construção desses novos conhecimentos é fundamental desconstruir as regras vigentes no processo educacional para que as crianças sintam essa liberdade para criar novos signos e significados e construir assim as próprias representações do seu cotidiano e das suas dificuldades. A formatação é uma armadilha tanto para os processos formais de educação como para os informais. Nesse processo de educação não formal no qual a arte está cada vez mais inserida é preciso a busca pela diferença para que não seja um espaço para consumir o que já está pronto. Fugir da padronização de um currículo fechado é um desafio para o ensino de arte hoje e dar um espaço para que as crianças participem do planejamento desse ensino, seja ele formal ou informal, deve ser levado em consideração para que as mesmas tenham acesso livre e total aos saberes.

A informação deve ser livre e a colaboração de todos os envolvidos e o compartilhamento desses saberes acaba fortalecendo o trabalho do educador, que terá ao seu lado pessoas envolvidas e comprometidas com o planejamento das oportunidades educativas.

O educador passa a ser um facilitador, um negociador desses conhecimentos, promovendo o diálogo e estimulando a descentralização dos saberes. Com esse pensamento educador e educando tornam-se autores das informações e conteúdos, deixando de ser meros atores dos processos educativos, para que dessa forma o ensino possa produzir ressonâncias na sociedade.

Para tanto, é preciso fazer com que a criança, através da arte, reflita sobre o cotidiano, olhando para o aprendizado com novos olhos. Durante o ensino da arte as

mpetências devem ser constantemente trabalhadas, observando situações do dia a dia sob uma nova perspectiva, sempre fazendo parte de um contexto artístico.

### ABSTRACT

This article talks about the importance of child development work from the art, focusing on the development of personal, relational, cognitive and productive through educational opportunity. The goal is to extrapolate the field of education and lead them to victories for the construction of life projects, showing that they can and should be included as active agents in the process. It is important in this process, providing children with basic tools for the development of citizenship and to raise awareness about the value of cultural heritage and legacy by continuing revitalization which are legitimate charge. With the goal of developing competencies is crucial to offer educational opportunities in art that assist in the process of care psychology of children. For this we must encourage and provide children with research, production and enjoyment, because these moments serve to enrich and enhance the learning process, as well as experiential practices on key issues of everyday life. By having contact with the artistic process the child goes also to extend this knowledge to other areas, helping, contributing to the permanence and success, enhancing self-esteem, capacity building and development potential.

**KEYWORDS:** Art. Educational opportunity. Skills. Education. Child.

### REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1981.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. (trad. Ivonne Terezinha de Faria) São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. (org.) **Arte-educação: leitura no subsolo**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

BOAL, Augusto. **O Arco-íris do desejo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC. **Guia de ações complementares à escola para crianças e adolescentes.** São Paulo: CENPEC/UNICEF, 3. ed. 2002.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a História da Severina.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

DELORS, Jacques. (Org) **Learning: the treasure within; report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twentyfirst Century.** Paris: UNESCO, 1996.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Porque arte-educação?** Campinas: Papirus, 1983.

FARIAS, Sergio C. B. **O Teatro e a formação da cidadania na sociedade moderna contemporânea.** Rio de Janeiro: Revista da Fundarte, ano 1, nº 01, vol. 1. 2001.

Estatuto da Criança e do Adolescente – Ministério da Justiça, Brasília, 2002.

Fundo das Nações Unidas para a Infância. **A infância Brasileira nos anos 90.** Brasília. 2000

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens.** São Paulo. Perspectiva, 1996.

MARQUES, Isabel. **Ensino de dança hoje - textos e contextos.** São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **ONG: a arte ampliando possibilidades.** São Paulo: CENPEC. 2002. 3ª ed.

MUÑOZ, César. **Pedagogia da vida cotidiana e participação cidadã.** São Paulo: Cortez Editora, 2004.

NUNES, Pedro. **SECRI – Serviço de Engajamento Comunitário.** Vitória: Cultural & Edições Tertúlia, 2012.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Rio de Janeiro: Imago Editoria LTDA, 1977.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social.** Rio de Janeiro: Estudos Históricos. Vol. 5, nº 10. 1992.